

LUX

3 FILMES
24 LÍNGUAS
28 PAÍSES

FILM

DAYS

MEDITERRANEA

Jonas Carpignano
Itália, França, Estados Unidos da América,
Alemanha, Catar



MEDITERRANEA

JONAS CARPIGNANO

O filme começa na Argélia, onde chega Ayiva, jovem vindo do Burkina Faso. É acompanhado por Abas e ambos esperam chegar à Europa e aí encontrar uma vida melhor. Terão de atravessar o deserto, fazer face aos salteadores de migrantes, atingir a Líbia, enfrentar um mar hostil numa embarcação de fortuna, antes de chegarem a Itália. No entanto, este périplo constitui apenas o primeiro ato de um drama que incide sobre a vida dos migrantes que, chegados por fim à Europa, são em breve rejeitados para as margens da sociedade da Calábria, explorados como mão-de-obra clandestina nas plantações de citrinos, alojados em bairros de lata, confrontados sobretudo com a desconfiança e a hostilidade da sociedade que os rodeia.

ALGUMAS IDEIAS PARA ANÁLISE

O filme de Jonas Carpignano inscreve-se numa clara atualidade, marcada por numerosas reportagens televisivas sobre o drama da imigração clandestina no Mediterrâneo. Sabe-se que a União Europeia reagiu através de medidas que se revelaram insuficientes para fazer face à chegada de migrantes. Por fim, importa realçar a hostilidade crescente de uma parte importante da opinião pública europeia a um melhor acolhimento dos migrantes.

Neste contexto, todas as opções cinematográficas de Jonas Carpignano têm uma dimensão política (no sentido mais forte e mais nobre do termo), devido à sua vontade de comunicar, de forma empenhada, o ponto de vista de pessoas que, de outra forma, são mostradas como objeto de compaixão na melhor das hipóteses, como indesejáveis na pior das hipóteses. E, neste aspeto, a representação cinematográfica distingue-se, voluntariamente, da representação veiculada pelos meios de comunicação social, nomeadamente televisivos.





UM MERGULHO NO INSTANTÂNEO

Assim, o realizador recusa, desde o início, qualquer abordagem de tipo explicativo, baseada na ideia de que os migrantes fogem da miséria do seu país natal, e privilegia, pelo contrário, uma visão do momento: cada situação encontra em si própria a sua explicação e a sua resolução.

As poucas palavras trocadas numa mistura de línguas pouco habitual no cinema (francês, inglês, italiano, dialeto calabrês, línguas africanas...) reforça ainda mais o nosso envolvimento na ação presente, que não necessita de longos discursos de explicação ou justificação. A cena de tumulto que constitui o clímax do filme surge em poucos segundos, e a brutalidade dos manifestantes que rapidamente atacam veículos estacionados, montras de lojas fechadas, automobilistas subitamente detidos, pode surpreender mas, como Ayiva, somos levados, senão mesmo arrastados, por esse movimento, enquanto os contramanifestantes reagem com uma violência excessiva.

A sequência toma, assim, uma dimensão universal e, longe de se limitar à situação italiana, ilustra a revolta dos que, noutra época, teriam sido apelidados de «malditos da terra». Saliente-se, neste sentido, que o filme se inspira em factos reais, ocorridos na Calábria, na localidade de Rosarno, em 2010. No entanto, é significativo que o cineasta não faça qualquer alusão ao contexto local: tal como a personagem, estamos mergulhados em acontecimentos de que temos apenas uma visão parcial, mas esta favorece justamente uma leitura mais ampla, mais geral, de uma situação que não é específica da Calábria, dizendo respeito, certamente, a toda a Europa.

O ENIGMA DO REAL

O aspeto lacónico da maioria dos diálogos, devido nomeadamente à diferença e à diversidade das línguas utilizadas pelos numerosos protagonistas, acentua, de igual modo, a solidão dos migrantes numa sociedade que permanece para eles amplamente estranha e da qual só conhecem as margens. É, sem dúvida, uma evidência, mas o cineasta salienta assim a ausência de escolha ou a reduzida margem de manobra de que dispõem os migrantes. Por exemplo, chegados à Líbia, os membros do grupo de que fazem parte Ayiva e Abas recebem ordens no sentido de conduzirem eles mesmos a embarcação destinada à sua travessia do Mediterrâneo: o diálogo impossível com o passador obriga os migrantes a uma escolha forçada, um deles decidindo finalmente conduzir a embarcação, enquanto os restantes são obrigados a aceitar esta solução, na ausência de qualquer alternativa. Chegado a Itália, Ayiva encontrar-se-á numa situação igualmente constrangedora quando toma conhecimento de que tem três meses para encontrar trabalho e regularizar, eventualmente, a sua situação: o sentido de uma medida destas parece absurdo ou, em todo o caso, não é discutível e não oferece qualquer escolha à personagem.



Mediterranea visa indubitavelmente, como se vê, não tanto descrever as condições de vida dos migrantes mas antes fazer-nos partilhar o seu ponto de vista, muito circunscrito, e sobretudo os constrangimentos a que estão submetidos, que se impõem como uma necessidade, deixando como única alternativa a rebelião. Este trabalho sobre o ponto de vista explica, sem dúvida, determinadas opções de encenação, muito visíveis, tais como a utilização de uma câmara portátil, frequentemente em movimento, muito próxima dos personagens, dando uma imagem confusa dos acontecimentos, ou então a utilização de atores não profissionais que representam papéis certamente muito próximos da realidade que eles próprios viveram, ou ainda a multiplicação das cenas noturnas, como se os migrantes tivessem apenas uma existência noturna...

UMA ESTÉTICA DA MEMÓRIA?

A estética do filme, longe de ser estritamente realista ou documental, pode, aliás, ser interpretada de forma mais aprofundada como um reflexo do trabalho da memória dos protagonistas (interpretados por atores que certamente transmitiram ao cineasta a sua própria experiência). Embora o filme se desenrole, manifestamente «no presente», sem qualquer processo semelhante ao *flashback*, pode, contudo, identificar-se uma série de características que o fazem parecer, com efeito, uma forma de memória.

Assim, muitas seqüências, em vez de serem filmadas de forma «objetiva», estão centradas num elemento fundamental, um pormenor suficientemente significativo para marcar a memória das personagens (Ayiva ou Abas, é irrelevante).

A banda sonora acentua, aliás, esta impressão através de variações brutais, com uma quebra súbita do ruído ambiente em prol de um silêncio pesado ou de uma música de fundo que coloca à distância — como numa recordação — a cena representada. Notar-se-á ainda que, embora o filme esteja dividido em grandes capítulos geográficos — Argélia, Líbia, Itália —, a cronologia é muito mais vaga e aproximada: a estadia de Ayiva na Calábria (onde aprende, sem dúvida, italiano) dura alguns dias, algumas semanas ou vários meses? Nunca o saberemos pois a memória, que distingue facilmente os locais, determina de forma muito menos clara a passagem do tempo, sobretudo quando esta se caracteriza por uma atividade repetitiva como a colheita dos citrinos.

O modo como o cineasta Jonas Carpignano terá recolhido os testemunhos dos migrantes que encontrou na Calábria explica, certamente, esta encenação fragmentada e sincopada, que reflete mais ou menos o trabalho da memória individual. No entanto, se nem todos os espetadores verão necessariamente da mesma forma esta escolha de encenação, serão, porém, certamente sensíveis ao empenho do cineasta em comunicar o ponto de vista dos migrantes de Rosarno ou de outros locais, condenados a viver nas margens mais obscuras do nosso mundo.





TEMAS PARA REFLEXÃO

Como se pode interpretar a diferença de carácter e de comportamento entre Ayiva e Abas? É importante para compreender nomeadamente o final do filme?

Que juízo se pode fazer do empregador dos migrantes? É um explorador sem escrúpulos? Um bom tipo? Um patife? Um patrão paternalista?

Existem diferenças de atitude entre os habitantes de Rosarno?

Determinadas características da encenação cinematográfica marcaram-vos? Por exemplo, a multiplicação das cenas noturnas, a câmara transportada ao ombro, o aspeto confuso e fragmentado de algumas sequências, as variações na banda sonora, pormenores secundários realçados pela câmara...

Michel Condé

les grignoux



REALIZAÇÃO Jonas Carpignano
ARGUMENTO Jonas Carpignano
ELENCO Koudous Seihon, Alassane Sy
DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA Wyatt Garfield
MÚSICA Benh Zeitlin, Dan Romer
PRODUTORES Jason Michael Berman, Chris Columbus, Jon Coplon, Christoph Daniel, Andrew Kortschak, John Leshner, Ryan Lough, Justin Nappi, Alain Peyrollaz, Gwyn Sannia, Marc Schmidheiny, Victor Shapiro, Raphael Swann, Ryan Zacarias
PRODUÇÃO Good Films, DCM Productions, Good Lap Production, End Cue, Court 13 Pictures, Le Grisbi Productions, Nomadic Independence Pictures, Treehouse Pictures
ANO 2015
DURAÇÃO 107'
GÊNERO Drama
PAÍSES Itália, França, Estados Unidos da América, Alemanha, Catar
VERSÃO ORIGINAL francês, italiano, inglês, árabe, bissa





AS NOSSAS HISTÓRIAS ILUMINADAS PELA EMOÇÃO DO CINEMA

O Parlamento Europeu tem a honra de apresentar os três filmes concorrentes ao LUX FILM PRIZE 2015 ¹:

MEDITERRANEA de Jonas Carpignano

Itália, França, Estados Unidos da América, Alemanha, Catar

MUSTANG de Deniz Gamze Ergüven

França, Alemanha, Turquia, Catar

UROK (A LIÇÃO) de Kristina Grozeva e Petar Valchanov

Bulgária, Grécia

Estas histórias multifacetadas, resultantes da grande dedicação e criatividade de jovens realizadores europeus, serão exibidas durante a quarta edição dos LUX FILM DAYS ².

LUX FILM PRIZE

A cultura desempenha um papel fundamental na construção das nossas sociedades. Com isto em mente, o Parlamento Europeu lançou o LUX FILM PRIZE em 2007, com o objetivo de aumentar a distribuição de filmes europeus em toda a Europa e de desencadear debate e reflexão à escala europeia sobre questões sociais importantes. O LUX FILM PRIZE é uma iniciativa única. Enquanto a maioria das coproduções europeias é exibida apenas no seu país de origem e raramente distribuída noutros países, mesmo dentro da União Europeia, o LUX FILM PRIZE proporciona a três filmes europeus a rara oportunidade de serem legendados nas 24 línguas oficiais da União Europeia.

O vencedor do LUX FILM PRIZE será eleito pelos deputados ao Parlamento Europeu e anunciado em 25 de novembro de 2015.

LUX FILM DAYS

O LUX FILM PRIZE deu também origem aos LUX FILM DAYS. Desde 2012, os LUX FILM DAYS apresentaram os três filmes concorrentes ao LUX FILM PRIZE a uma audiência europeia mais ampla. Através dos LUX FILM DAYS, convidamo-lo a viver uma experiência cultural única, que ultrapassa fronteiras. De outubro a dezembro de 2015, pode juntar-se a uma audiência de amantes do cinema em toda a Europa para assistir a *Mediterranea*, *Mustang* e *Urok (A Lição)* numa das 24 línguas oficiais da União Europeia. Não se esqueça de votar no seu filme preferido no nosso sítio web.luxprize.eu ou na nossa página no Facebook.

MENÇÃO HONROSA DO PÚBLICO

A «Menção honrosa do público» resulta da escolha do público no âmbito do LUX FILM PRIZE. Aproveite a oportunidade para votar em *Mediterranea*, *Mustang* ou *Urok (A Lição)* e participará num concurso para assistir ao Festival de Cinema Internacional de Karlovy Vary, em julho de 2016, a convite do Parlamento Europeu, e anunciar o vencedor da «Menção honrosa do público».

¹Prémio do cinema LUX.

²Dias do cinema LUX.

VEJA,
DEBATA
E VOTE



@luxprize



#luxprize

LUX
PRIZE
.EU